



## O PROCESSE DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UMA MODALIDADE ESPORTIVA DENTRO DE UM CLUBE: O CASO DO HANDEBOL NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA A HEBRAICA DE SÃO PAULO

Jorge Dorfman Knijnik

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Universidade de São Paulo

**Resumo:** O presente trabalho pretende historiar, compreender e analisar o processo de institucionalização da modalidade handebol em uma das maiores instituições socioesportivas da comunidade judaica da América Latina, e um dos maiores clubes da cidade de São Paulo, a Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo. Utilizando-se do instrumental desenvolvido por Berger & Luckmann, o trabalho mostra como, em havendo atores, tipificações e hábitos, as instituições podem surgir e se legitimar.

**Palavras-chave:** Instituições Sociais; Handebol; Legitimação.

### THE INSTITUTIONALISATION OF A SPORT WITHIN A CLUB: THE CASE OF HANDBALL AT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA A HEBRAICA IN SÃO PAULO

**Abstract:** This work has the intention of relating, analyzing and comprehending the history of the the institutionalization of handball in one of the largest Jewish social/sports institutions in Latin America and São Paulo: The Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo. The use of a tool developed by Berger & Luckmann allows this work to illustrate how through the existence of protagonists and habits, institutions are able to come into being and become legitimate.

**Keywords:** Social Institutions; Handball; Legitimation.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende historiar, compreender e analisar os campos de força sociais (sejam individuais, grupais ou institucionais) que permitiram o processo de entrada, legitimação e institucionalização da modalidade handebol em um dos maiores e mais conhecidos clubes privados da cidade de São Paulo, a Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo, clube situado no Jardim Paulistano, e freqüentado majoritariamente por membros da comunidade judaica paulistana. O clube possui hoje cerca de 30 mil associados, e é considerado uma das maiores instituições judaicas do mundo.

Este trabalho originou-se da necessidade do autor – profissional da área esportiva que atuou durante dez anos no clube – de aprofundar a reflexão sobre sua prática profissional por uma *ótica social*, investigando e compreendendo os indivíduos partícipes do processo, tanto a forma como eles próprios se vêem, quanto as expectativas que são colocadas sobre o grupo social e a instituição e o inverso – o que o grupo e a instituição esperam desse indivíduo.

Pela dimensão do clube em questão, e mesmo para se ter clareza do avanço do esporte no nível local e mesmo nacional, possibilitando assim uma maior compreensão, e conseqüentemente uma atuação mais consciente, é necessário e possível pensar o handebol e o seu crescimento no clube dentro de alguns parâmetros teóricos apresentados, tais como os processos de institucionalização, os papéis sociais, as tipificações, e outros.

Como no esporte o elemento corpo é um instrumento indispensável, perceber-se-á também que na descrição e análise do processo histórico de legitimação e institucionalização da modalidade no clube, o microsistema social (no caso o handebol), ao adentrar e ganhar espaço dentro do macrosistema (o clube), acaba modificando o uso e a idéia de corpo: do corpo inábil à procura de bem-estar físico e social (os primeiros praticantes) ao corpo hábil e competitivo (os jogadores atuais), uma concepção de corpo ganhou forma em detrimento de outras.

Inicialmente, o texto faz um breve histórico do handebol no clube, do período de sua instalação (1985) até a chamada “radicalização da legitimação” (1991). Nesse processo, foi considerada apenas a fase em que a modalidade era praticada na sua vertente masculina (até a data de 1991). Em seguida, faz-se uma análise do processo histórico para, ao final, inserir o corpo nesse processo.

## METODOLOGIA

Para contar a história do handebol no clube, entrevistou-se quatro pessoas, *arquivos vivos* dessa história. O primeiro entrevistado foi Beny Sendrovich, fundador e primeiro diretor da modalidade no clube, que, além da memória, possuía todos os dados sobre a modalidade (datas, planilhas, e custos da época, número de jogos, entre outras informações) anotados, também material jornalístico arquivado. Três entrevistas de quatro horas cada, com consulta simultânea àquele arquivo, ajudaram a montar o processo histórico.

Foram realizadas três entrevistas com o professor Robson Andrade (as duas primeiras de duas horas e a terceira e última, mais profunda, de cinco horas), o primeiro profissional técnico da modalidade contratado pelo clube, o qual forneceu informações valiosas na visão de um profissional, desde comparações de salários até perspectivas e objetivos profissionais.

Por fim, foi feita uma entrevista simultânea de três horas com dois atletas (hoje ex-atletas), Sergio Turkienicz e Décio Zaborovsky, do primeiro grupo que iniciou a prática da modalidade no clube.

Como o autor do trabalho é também sujeito e ator da história aqui contada e pensada, a metodologia da entrevista foi baseada em longos bate-papos informais, procurando extrair dos entrevistados memórias dos fatos mais marcantes da história pessoal e social do processo de institucionalização da modalidade.

Foi esclarecido desde o início que o objetivo das entrevistas era tecer o histórico da modalidade no clube desde o período de seus primórdios até o ano de 1991 – essa última data foi escolhida porque, como se verá no decorrer do texto, é o momento em que o processo de legitimação socioinstitucional da modalidade se estabiliza.

## BREVE HISTÓRICO

“As instituições têm sempre uma história da qual são produtos” (Berger & Luckman, 1976, p. 79).

- Maio de 1985 – A Seleção Nacional Masculina de Handebol de Israel vem ao Brasil realizar jogos amistosos com a Seleção Brasileira da modalidade. Por razões óbvias (toda e qualquer delegação de Israel passa pela Hebraica, marco da comunidade judaica em São Paulo), dois desses jogos acontecem no Ginásio principal de A Hebraica, o qual teve sua quadra demarcada com as linhas da modalidade, e reformada especialmente para a ocasião.

- Agosto de 1985 – Entusiasmado com a reforma do Ginásio (que pela primeira vez em seus 13 anos de existência contemplava uma demarcação de handebol) e com sua incipiente prática universitária como calouro da POLI/USP, Beny Sendrovich tenta propor ao departamento esportivo do clube que monte uma equipe de handebol. É rechaçado com um argumento forte: Não há verbas.
- Outubro de 1985 – Sem dar-se por vencido, Beny Sendrovich luta e consegue o trabalho voluntário de um ex-jogador da Seleção Brasileira (Sr. Abad), pai de um amigo pessoal e também jogador. Sem nenhum gasto (até as bolas eram propriedade dele), a direção do clube então autoriza os treinos em caráter experimental.
- Março de 1986 – Já mobilizando uma razoável quantidade de sócios, e com a desistência do técnico voluntário, Beny consegue com que o clube contrate um primeiro profissional para dar treinamento de handebol – Robson Andrade, que havia recém-concluído o curso de especialização na modalidade na Escola de Educação Física da USP, e que entrou, segundo suas próprias palavras, “ganhando menos que o cara do almoxarifado esportivo”.
- Junho de 1986 – Já são mais de 20 associados que treinam handebol regularmente, num espaço pequeno, precário, descoberto, porém próprio.
- Setembro de 1986 – Com muita habilidade, Beny consegue trazer quatro jogadores de outros clubes para A Hebraica, a fim de elevar o nível técnico da equipe. Os treinos começam a surtir efeito, e alguns atletas, a se destacar.
- Novembro de 1986 – Realizado no clube o 1º evento organizado pelo departamento de handebol: o Torneio Neveh Shalom (nome em homenagem a uma sinagoga da Turquia, a qual havia sofrido atentado à bomba no dia do Yom Kipur – Dia do Perdão – daquele ano, com mais de 40 vítimas fatais), o qual tem, além da Hebraica, equipes de Campinas e do ABC paulista (A Hebraica fica em último).
- Fevereiro de 1987 – Contrata-se o segundo técnico de handebol do clube, um nome com currículo de campeão, com passagens por seleções paulistas e brasileiras, o professor Clóvis Pedroso. Em abril do mesmo ano, a equipe participa pela primeira vez de um Campeonato Paulista.
- Setembro de 1987 – Pela primeira vez o handebol é notícia em um órgão da imprensa do clube (Revista A Hebraica).
- Novembro de 1987 – O departamento de handebol do clube realiza um grande evento esportivo para a comunidade judaica, o I Torneio Intercolegial Hebraico de Handebol (I TICHH), envolvendo mais de 200 crianças das escolas judaicas paulistanas.
- Dezembro de 1987 – Realização do II Torneio Neveh Shalom
- Março de 1988 – Iniciam-se os treinamentos das categorias menores (infantil, 13/14 anos, e infanto juvenil, 15/16 anos). Mais um técnico, Jorge D. Knijnik, é contratado.
- Maio de 1988 – Pela primeira vez A Hebraica é convidada a participar de um torneio na categoria infantil, o Bacardi, no E. C. Sírio. Nesse ano, todas as suas três equipes participam dos Campeonatos Paulistas.
- Setembro de 1988 – Realização do II Torneio Intercolegial Hebraico de Handebol (TICHH).
- Novembro de 1988 – A equipe adulta cai para a segunda divisão.
- Março de 1989 – A equipe adulta reestrutura-se para o retorno à primeira divisão.
- Julho de 1989 – A equipe infanto-juvenil viaja para disputar torneios internacionais na Itália, Espanha e Portugal.
- Outubro de 1989 – Realização do III TICHH.
- Novembro de 1989 – Vice-campeã da segunda divisão, a equipe adulta retorna à primeira divisão do campeonato paulista.

- Fevereiro de 1990 – Nova reestruturação do departamento de handebol do clube. Novo diretor assume a equipe adulta, e monta-se um esquema considerado mais profissional.
- Março de 1990 – Primeiro torneio A Hebraica de handebol, infantil e adulto. A Hebraica é campeã em ambos. No mesmo mês, o clube promove torneio internacional com equipes adultas de Portugal.
- Abril de 1990 – Pela primeira vez a equipe adulta sai do Estado de São Paulo para disputar o Campeonato Brasileiro.
- Julho de 1990 – Segunda excursão internacional da categoria juvenil: Itália e Portugal.
- Novembro de 1990 – Equipe infantil é vice-campeã Paulista.
- Janeiro de 1991 – Primeiro patrocínio, do Banco de Boston.
- Fevereiro de 1991 – Primeiro corte de patrocínio, época do Plano Collor II.
- Março de 1991 – Disputa do campeonato brasileiro em diversas categorias.

## DISCUSSÃO

Por esse histórico, podemos perceber as diferentes fases do processo de legitimação e institucionalização do handebol no clube, cada qual com seu marco, os “[...] ritos de passagens, que ordenam, simbolizam, periodizam a biografia” (Berger & Luckmann, 1976, p. 136) particular como aprofundamento deste processo.

Discutiremos agora as três fases que se delineiam no processo histórico e que são fundamentalmente marcadas, cada uma, por esses ritos de passagem.

### 1) O Começo (maio de 1985 a agosto de 1987)

No começo da institucionalização, temos a visita da seleção de Israel, e a pintura da quadra. Com esses fatos, o *clima psicoespiritual* – pois Israel é para A Hebraica fonte e referência terrena e espiritual fortíssima – e o espaço físico já estavam criados. Daí para a constituição de um grupo de treinamento foi um passo, difícil, mas viável. A partir do momento que cerca de 20 jovens adultos passaram a se encontrar duas vezes por semana, sob a direção de um técnico, para treinar handebol, ocorreu a tipificação, a prática habitual. “A institucionalização ocorre sempre que há uma *tipificação* recíproca de ações habituais por tipos de atores” (Berger & Luckmann, 1976, p. 79).

Com a permanência desse hábito, as primeiras vivências em treinos e jogos competitivos, a vinda de novos jogadores e treinadores a melhoria técnica é inevitável. Porém, mesmo com a realização de torneios, contratação de técnicos, etc, o handebol era ainda um ilustre desconhecido dentro do clube. Excetuando-se as pessoas envolvidas e alguns burocratas que assinavam por vezes a folha de pagamento, ninguém mais dentro do clube sabia da existência da modalidade.

### 2) A Legitimação Interna (setembro de 1987 a Julho de 1989)

Foi na busca de ampliar o seu espaço interno que os organizadores do handebol correram atrás da imprensa do clube. Tanto fizeram que, em setembro de 1987, a Revista A Hebraica (veículo mensal com 10 mil exemplares) publicou a primeira matéria, com fotografia e tudo, sobre a equipe. O handebol começa a ter resultados expressivos, o título em si já falava muito. A palavra resultados é mágica quando se fala em esporte competitivo, tê-los favoráveis tem um significado de sobrevivência.

Conforme argumentamos antes, a legitimação não é necessária na primeira fase da institucionalização, quando a instituição é simplesmente um fato que não exige nenhum novo suporte, nem inter-subjetivamente nem biograficamente. É evidente para todas as pessoas a quem diz respeito. O problema da legitimação surge, inevitavelmente, quando as objetivações da ordem institucional (agora histórica) têm de ser transmitidas a uma nova geração. Nesse ponto, como vimos, o caráter evidente da instituição não pode mais ser

mantido pela memória e pelos hábitos do indivíduo. Para restaurá-la, tornando assim inteligíveis ambos os aspectos dessa unidade, é preciso haver explicações e justificativas dos elementos salientes da tradição institucional. A legitimação é esse processo de explicação e justificação.

Com essa reportagem o handebol *legitima-se* no clube e passa a ganhar mais respaldo interno. Não que a imprensa escrita resolvesse todos os problemas, mas isso foi um marco que simbolizou um *rito de passagem* (assim como a seleção de Israel e a pintura da quadra o foram no seu tempo). “Agora o handebol já é uma realidade dentro do clube” (palavras de Beny Sendrovich, citando um diretor-executivo numa reunião da Executiva da época). A partir disso, as coisas ficaram mais fáceis. Puderam realizar-se os torneios intercolégiais, e novas gerações de atletas (infantis, juvenis, etc.) começaram a treinar, ponto fundamental para a renovação e manutenção da instituição do handebol na Hebraica.

A partir da *legitimação interna* (com a seqüência de reportagens nos órgãos judaicos), o handebol, que participava de um mundo de federações e competições, porém sem grandes vínculos com elas, sentiu a necessidade de extrapolar os muros da Hebraica, e fincar seus pés no mundo. O mundo esportivo institucional, regrado, supercompetitivo. “O mundo institucional é a atividade humana objetivada, e isso em cada instituição particular” (Berger & Luckmann, 1976, p. 87).

### 3) A Radicalização da Legitimação (julho de 1989 a julho de 1991)

Com as viagens e os títulos, veio o reconhecimento, e também a cobrança. Nos primeiros anos, quando o handebol da A Hebraica tinha a intenção de se legitimar e se estruturar internamente, nunca os resultados foram cobrados intensamente. A partir do momento em que a legitimação interna já era um ponto pacífico, a expansão tornou-se natural.

E o salto foi grande. As equipes infantil e juvenil foram jogar na Europa (julho de 1989), em imensos campeonatos mundiais de clubes. O crescimento técnico para jogadores e treinadores foi tão grande que voltaram com total entusiasmo para integrar-se à estrutura competitiva, jogar e ganhar.

E assim foi: ao final de 1989, a equipe adulta de A Hebraica ascendeu à primeira divisão (grupo dos 10 melhores times de São Paulo), tornando-se um grande *ímã*; no início de 1990, vários jogadores de alto nível, inclusive com passagens em seleções brasileiras, vieram aportar no clube. Muitos garotos de colégios particulares, destaques na sua turma, que antes procuravam apenas os clubes tradicionais da modalidade (Sírio, Pinheiros, etc.) passaram a ingressar nas equipes menores de A Hebraica.

Um título estadual (Vice-campeão paulista – 1990), novas viagens, organização de torneios, disputa de campeonatos brasileiros, convite para jogos no exterior, etc, tudo isso veio apontar o handebol de A Hebraica como uma referência já legitimada em nível estadual, nacionais e até internacional.

## CORPOS HUMANOS OU ATLÉTICOS?

“O homem não é um corpo, mas tem um corpo” (Paiva, 1998). Já outros autores afirmam que o homem é seu corpo, posto que este está presente em tudo o que ele faz. Para Veron (1979, p. 179), “o corpo está em todos os lugares. O que quer dizer que toda a produção significativa do homem tem os traços do corpo”. Em Merleau-Ponty (1975, p. 276) podemos afinar a nossa percepção do corpo enquanto sujeito e objeto do mundo, que forma o mundo e é por este formado, não uma “[...] máquina de informação, mas sim este meu corpo atual, que digo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e atos”. Para Casey (1999, p. 54), em nenhum lugar há corpo puro, ou mente pura; o que existe é uma “mistura constante de corpo e mente, carne e psiquê [...]”. Já Knijnik (2001, p. 37), afirma que o “o corpo esportista é o corpo-sujeito da vida humana, cotidiana e real”.

Durante o processo de legitimação abordado nesse trabalho, pudemos observar as diferentes instrumentalizações do corpo, isso é, como ele foi usado, visto e construído nas diversas fases da institucionalização do handebol no clube A Hebraica.

Na primeira fase (o começo), o corpo foi usado essencialmente para o aprendizado técnico. Não havia nenhuma preocupação com questões de *preparo físico*, e corpos gordos, magros, fracos, flácidos, inábeis, todos eram aceitos e trabalhados para o aprendizado.

A partir do momento que a legitimação ocorreu e foi se aprofundando, a visão, e mesmo a necessidade, dos corpos dos então atletas foram se modificando. Para competir e ganhar, não bastava querer, era preciso que o corpo fosse hábil, e tivesse algumas capacidades físicas tais como força, resistência, velocidade, e se possível, estatura. Ou seja, havia uma necessidade real que os corpos se ajustassem à nova realidade imposta pelo próprio processo histórico-social pelo a instituição handebol, inserida num contexto institucional maior, estava passando. Aquele que não se encaixasse no modelo institucional de corpo estava correndo o risco de não ter mais espaço, ou então ocupar uma posição absolutamente marginal dentro dessa nova estrutura social criada, ou recriada, com base em novos parâmetros, inclusive corporais, exigidos pelo processo de institucionalização, como visto acima.

A partir de 1989, sobretudo nas categorias maiores (18 anos e mais velhos), com a radicalização da legitimação, os corpos são formados para competir, com todas as qualidades físicas necessárias para isso.

Essas mudanças nos corpos, e, sobretudo dos corpos, podem auxiliar na compreensão da construção social do corpo, pois vimos que, conforme o período da institucionalização, os corpos e a atuação deles e sobre eles modificam-se radicalmente.

## CONCLUSÃO

Procuramos mostrar, com a historiografia e a análise dos fatos históricos, como algo pode sair do zero, criar hábitos, necessidades e tipificações entre atores que assumem determinados papéis, a ponto de legitimar-se e tornar-se uma instituição real e estruturada, em relativo pouco tempo (cinco anos).

Podemos também pensar como microssistemas sociais podem, devido às suas forças impulsoras muito intensas, suplantar, por vezes, as forças limitantes do *status quo*, dos macro-sistemas sociais já constituídos.

Apesar da vinculação direta do autor com os fatos aqui apresentados e analisados (o que em certa medida facilitou o trabalho pelo livre acesso às informações), pode-se ver que o processo de institucionalização, enquanto modelo teórico, pode ser averiguado em dezenas de locais. “[...] em princípio, a institucionalização pode ocorrer em qualquer área de conduta coletivamente importante” (Berger & Luckmann, 1976, p. 89).

Ou seja, existindo atores, tipificações e hábitos, as instituições surgirão. Cabe a nós refletirmos sobre nossos papéis dentro delas, as possíveis modificações que podemos aí otimizar, no sentido de transformá-las em matéria viva, humanizada e humanizadora das relações sociais.

## REFERÊNCIAS

- A RESENHA JUDAICA. São Paulo: A Hebraica, ago. 1989, out. 1989, fev. 1990, abr. 1990.
- A REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA A HEBRAICA. São Paulo: A Hebraica, set. 1987, set. nov. 1988, fev. 1989, fev. 1991.
- Entrevistas com Beny Sendrovich (diretor de handebol da Associação Brasileira A Hebraica de 1986 a 1991); entrevista com o Prof. Robson Andrade (técnico de handebol do clube da Associação Brasileira a Hebraica de 1986 a 2000); entrevista com Sérgio Turkienicz e Décio Zaborovsky (atletas de handebol A Hebraica de 1986 a 1992).

- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- CASEY, E. S. The unconscious mind and the prereflective body. In: OLKOWSKY, D.; MORLEY, J. (Eds.). *Merleau-Ponty, interiority and exteriority: psychic life and the word*. Albany, State University: New York Press, 1999.
- KNIJNIK, J. D. *Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil*. 2001. 109 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, 2001.
- MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- VERON, E. Corps signifiant. In: VERDIGLIONE, A. (Org.) *Sexualité et pouvoir*. Paris: Payot, 1976. p. 179-95.

#### **Contatos**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Faculdade de Educação Física  
Av. Mackenzie, 905 – Barueri – SP  
CEP 06460-130  
E-mail: jorgedk@uol.com.br

#### **Tramitação**

Recebido em junho/2002  
Aceito em setembro/2002